

HOMENAGEM A CRUZ FILHO

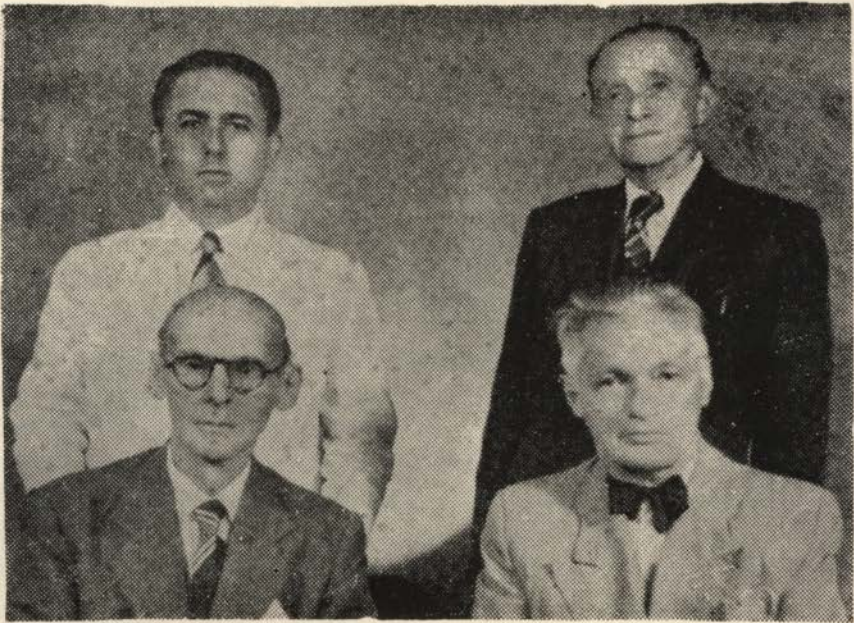
A GLÓRIA DE UM POETA

FILGUEIRAS LIMA

Na própria Casa da Poesia, porque nela viveu, sonhou, amou e floriu, abrindo-se em trovas e cantigas, o bardo imortal das *Lendas e Canções Populares*, cabe-me, nesta noite, a honra insigne de saudar e homenagear o grande e fino artista de *Poemas dos Belos Dias*, o criador de tantas jóias preciosas de nossa literatura, o atual Príncipe dos poetas cearenses — Cruz Filho.

Os laços da mais fraterna estima prendem-nos desde longo tempo. Quando, muito jovem ainda, publiquei o meu livro de estréia *Festa de Ritmos*, filiado ao Modernismo, de que é uma das primeiras manifestações entre nós, fui por êle, parnasiano autêntico e de renome, exaltado e acolhido com palavras e encômios da maior valia e pêso. E eu, que cultivava com admiração e respeito a obra literária dêsse altíssimo poeta, aprendi então a ver também em Cruz Filho um dos mais expressivos e nobres valôres humanos de nosso meio.

Não falo aqui só por mim, para louvá-lo e bendizê-lo, pois falam pela minha voz, neste instante, todos os intelectuais, escritores, pensadores, romancistas, poetas, artistas em geral, que a extraordinária capacidade de aglutinação e liderança da Dra.



POETAS DO CEARÁ

**Da esquerda para direita em pé: — Filgueiras Lima e Cruz Filho, Sentados:
— Mário Linhares e Júlio Maciel. Fotografia tirada em Fortaleza.**

Henriqueta Galeno, hoje coadjuvada pelo espírito brilhante de sua digna sobrinha, incansável colaboradora e festejada intelectual Cândida Maria Santiago Galeno — transformou em membros da mesma família literária, dessa imensa família que está em festa porque dela saiu um Príncipe. Refiro-me, já o sabeis, à Casa de Juvenal Galeno, a cuja frente, há mais de quarenta anos, se alteia o perfil dessa mulher superior que trouxe do berço uma tradição gloriosa de poesia, que tôda se consome no zêlo e devoção de uma obra feita de dignidade e fé nas coisas do espírito, razão única da sua própria vida, e que, por isso, se ergue hoje acima de si mesma para fixar-se num símbolo do mais puro idealismo, como se o fôra num bronze imaterial, para edificação e orgulho das presentes e, com certeza, das futuras gerações intelectuais de nossa terra.

Exmas. Sras.

Meus Srs.

Sem apelar para o repisado dito horaciano, segundo o qual “poetas por poetas sejam lidos e entendidos”, eis-me diante do eleito das musas, para dizer-lhe e redizer-lhe do aprêço em que o temos e da admiração que lhe votamos pela harmoniosa mensagem de beleza que a sua arte oferece a quantos ainda crêem em poesia e poetas. Na época atual não faltam os que se arrepelam e assanham contra tudo aquilo que não possui a marca pragmática e positiva da utilidade e do interêsse imediatos. Os chamados homens práticos, que se julgam donos do mundo, do seu mundo, dêle expulsaram, por inúteis, os sonhadores, os idealistas, os místicos, os filósofos e os poetas. Não sabem, porém, que um cientista de fama universal como Carrel coloca, ao lado das leis comuns da propagação da espécie e da conservação da vida, a lei suprema da ascensão do espírito, que, no seu dizer, não é “sòmente uma lei fundamental da vida humana, mas o seu caráter específico”.

Uma festa com a transcendência espiritual da que estamos realizando neste momento, com o só objetivo de engrinaldar de louros a frente olímpica de um filho de Apolo — não possui,

decerto, nenhum sentido para a maioria desses atormentados e inquietos seres que pensam comandar e dirigir o mundo e a vida, quando, em verdade, são dirigidos e comandados por interesses mesquinhos e ambições ferozes. É que, ao contrário de Kant, eles não sentem que, dentro deles, há uma lei moral em que se entremostra a face misteriosa de Deus e, acima de suas cabeças, há um céu que refulge, chamejante, pontilhado de estrelas...

Mas a glória dos poetas independe da sua aceitação pelos homens destituídos de sensibilidade estética, almas de cortiça, ou por aquelas "almas dolorosamente frias", que Raul de Leoni estigmatizou num soneto célebre. Porque a glória dos poetas não se situa no tempo cronométrico que a vulgaridade dos relógios apreende: para eles, existe um tempo metafísico que se atemporaliza na eternidade da beleza. Shakespeare, cujo quarto centerário o mundo inteiro está comemorando, com o reconhecimento devido a quem deixou na terra, com a sua obra imortal, a herança de inexauríveis tesouros de arte, beleza e pensamento, Shakespeare permanece, ainda agora, mais atual do que nunca, na perpétua mocidade do seu gênio.

Os grandes poetas constroem a verdadeira realidade, criando-a.

Diz Burckhardt que "eles constituem, em conjunto, a maior e mais contínua revelação transfigurada da realidade espiritual, interior, do ser humano".

Muito longe iria talvez, se me dispusesse a encarar com profundidade o fenômeno da criação artística, passando da *Poética* de Aristóteles à *Poética* de Dilthey, o que, entretanto, me desviaria do objetivo primacial desta solenidade, que é consagrar com as suas láureas e honras um poeta que se distinguiu entre os seus contemporâneos e se sagrou príncipe no reino da poesia. Além disso, a paciente e seleta assistência que me escuta certamente anseia por substituir a prosa do orador pelas estrofes e os poemas do homenageado.

Dono de soberba imaginação, afeito ao trato da métrica tradicional, que transformou em consciência artesanal ou dignidade artística, no apuro da técnica poética e no joeiramento da expressão lingüística, para atingir a grande, a verdadeira poesia, seguindo a lição do velho Machado, Cruz Filho fez das mu-

sas não um passatempo risonho, mas um culto sagrado. Porque é dos que não confundem poesia com a simples fatura de versos, arte com artifício, habilidade com inspiração, ou capacidade verbal com poder criador. Purista na linguagem, parnasiano na forma, lírico na essência e simbolista no conteúdo de seus versos, êle é, em suma, um poeta que se realizou plenamente em suas admiráveis produções artísticas, assim num soneto do labor e da majestade de "Leda e o Cisne" como numa produção de amplo vôo como o "Poema Paradisiaco".

Não é possível exaltar-lhe os poderosos e vastos recursos expressionais, fonéticos, rítmicos, semânticos, imagísticos, sem citar-lhe trechos da obra em que fixou e traduziu a sua vigorosa personalidade. Vamos, por instantes, sentir-lhe a força do estro em versos que asseguram a perenidade de seu nome na literatura cearense. Sintamos a grandeza do artista na opulência das rimas ricas, de vocabulário faustoso, das aliterações, dos jogos onomatopéicos, bem assim no conjunto dos motivos, imagens, fantasias e mitos característicos da sua temática e da sua simbologia. Sem dúvida, não encontrareis aí as enumerações caóticas, as sinestésias mórbidas, as palavras-coisas do concretismo, os vocábulos quilométricos fabricados nos laboratórios das extravagâncias poéticas, nem os erros de linguagem arvorados em ornamento estilístico, através de concessão fácil ao sucesso do momento e à moda do dia.

Mas o que é certo é que o nosso Príncipe, ao contrário do que possam pensar os que o julgam sem disponibilidade para aceitar os novos estilos e as novas escolas, dada a sua fidelidade aos cânones estéticos do Parnasianismo, conforme observei já num ensaio a êle dedicado, possui de fato acuidade intelectual suficiente e cultura filosófica bastante para, à maneira de Farias Brito, não confundir verso com poesia, pelo que se lhe tornará possível dirigir-se às novas gerações com aquelas mesmas palavras com que, em ocasião mais ou menos idêntica, o mestre Alberto de Oliveira falou aos poetas moços de seu tempo: "Eu não tenho uma poesia e vós outra. Não há duas poesias. A poesia, como a verdade, é uma só."

Quereis uma prova da força expressional e criadora de Cruz Filho? Ei-la numa das suas mais originais produções: "O Abismo", em versos sem rima, polimétricos, mas plenos de majestade

e de mistério. Dir-vos-ei a estrofe derradeira e os versos finais dêsse poema baudelairiano, soturno e cabalístico:

*"Eu sou o Abismo biante, o atro abismo silencioso
A cujas profundezas
Só vão ter do Sol raios zeníticos;
Há em mim recessos ignorados e sombrios,
Recantos desconhecidos
Que nunca o olhar humano há de sondar.*

.....

*Viceja, no fundo do Abismo,
Certa flora estranha e áspera,
— Arbustos em contorções, de ramagens agressivas,
Flôres roxas e azuis, cardos malignos;
Vêem-se frutos venenosos,
Palmas hirsutas e cinzentas
Eriçadas de pérfidos espinhos.*

.....

*Mas, que vejo? Dsténs-te, tôda trémula,
à borda do precipício escancarado,
Como inocente criança
Que se lançasse à fauce de um dragão!
Ah! não queiras descer, lindo Arcanjo impoluto,
As profundezas do Abismo!*

Aquêlé chamado "metro bárbaro", que foi introduzido em nossa literatura por Magalhães de Azeredo, recebeu de Cruz Filho tratamento de mestre em algumas das suas produções da maturidade, entre as quais se destaca o maravilhoso soneto "A Prece das Árvores", de cujos tercetos ressuma tão bucólica e inefável ventura que nos faz pensar no Jacinto de Eça, em sua adorável serra Tormes, em Portugal, contemplando de longe com desprezo as misérias e os vícios de Paris:

*Eis-me, enfim, postado sôbre o bello viso do alcantil fragoso;
Entre o azul e a terra, região do Sonho, junto a um Deus bondoso.
Lá ficou distante a cidade enférrma com os seus vis abdomens.*

*E eu comprêendo agora que as copadas árvores dêstes altos cumes
Rumorejam rezas ante os céus divinos e lhes dão perfumes
Em ações de graças p'la dita excelsa de não serem homens...*

Ao nosso Príncipe, não lhe perguntemos pela idade, porque todo poeta tem a idade de seus versos. Ele bem pode dizer de si mesmo o que o imortal Garrett afirmou nas palavras de advertência com que antecede o livro *Fôlhas Caidas*, beíssima coleção dos últimos versos de amor do grande clássico do romantismo luso: "Poeta na primavera, no estio e no outono da vida, hei de sê-lo no inverno, se lá chegar, e hei de sê-lo em tudo."

Também Cruz Filho, na hora outonal, harmoniosa e consciente, permanece de lira em punho — "lira de Orfeu", tangendo-lhe as cordas douradas, onde se escondem os carcos, as rimas e as imagens do seu universo poético, da sua encantada cosmovisão.

No mundo mágico e sonoro, que todo artista autêntico traz dentro de si, mundo criado pela imaginação, mas sempre mundo em sua arquetônica imaterial e transcendente, captando a vida, bebendo-a aos sorvos nas coisas e nos sêres, nas águas e no céu, na terra e no mar, o poeta penetra a essência do ser, os tesouros da natureza e os enigmas do coração humano, e fala por tôdas as almas a linguagem universal e inefável da poesia, que não é feita de palavras, mas de símbolos, de mistérios e de ritmos.

Exmas. Senhoras
Meus Srs.

A eleição de Cruz Filho para o Principado que, há mais de trinta anos, o padre Antônio Tomas enchia de prestígio e importância com o seu nome glorioso, representa assim, para todos nós, em vez de o triunfo particular de um poeta, uma vitória autêntica da Poesia.

Das mãos do sonetista stecchetiano de "Contraste", aquêla a quem chamei em verso de "Uirapuru das plagas nordestinas", passa o cetro para a destra do artista impecável do "Pavão". São duas figuras que se não confundem, antes se distinguem por flagrantes, marcados e nítidos traços. O padre Antônio Tomás, um poeta quase popular, de tão espontâneo, tão simples e tão sorriso, mas que foi sempre inspirado e fecundo, por vêzes com lampejos e arroubos bilaquianos, como no seu bellissimo sonêto "Eva", não poderia ter um sucessor que melhor pudesse ficar-lhe à altura do estro portentoso do que êste esplêndido criador de tantos poemas admiráveis, que é Cruz Filho. Sonetista também dos maiores que a literatura cearense há possuído em todos os tempos, a êle devemos algumas páginas definitivas do nosso lirismo, entre as quais exigem menção tanto um sonêto da juventude, como a "Árvore do Sândalo", quanto outros, ardentes e belos, que se chamam "Sonho de Uma Noite de Verão", "Sonêto a Vulda", "Fetichismo", "Céu e Mar", que demonstram exuberantemente, entre as névoas do crepúsculo, o rejuvenescimento lírico do poeta. Até a lua que com seus reflexos sôbre um poço já lhe dera aquêle sonêto à Herédia, cheio do colorido e movimento, com esquisitos efeitos prismáticos e rítmicos, — "A Ilusão do Sapo":

*Aos pinchos, pela sombra, indolente e moroso,
O batráquio estacou do grande poço à borda,
E um momento quedou, como quem se recorda,
Surprêso ante a visão do tanque silencioso.*

*Ao fundo, onde do céu, que de nuvens se borda,
Reflexa a imagem vê — pelo céu luminoso
Vê da Lua pairar o áureo disco radioso:
E o disforme animal de júbilo transborda...*

*Um momento quedou, mudo e perplexo. Ao centro,
A tentá-lo, a ilusão do astro de ouro flutua,
E o monstro eis que se arroja, a súbitas, lá dentro!*

*E a água convulsionou-se entre encíclias ondeantes,
Num naufrágio de luz em que perçe a lua
Dissolvida em rubis, topázios e diamantes.*

— até a lua lhe inspirou, ao poeta solteirão, enamorado da Salomé do espaço, êste verdadeiro e lindo cântico de amor:

A ESPÔSA

*Eis-me sòzinho aqui, nesse êrmo agreste,
Ante a noite dourada e a terna Lua,
Que de magoado encanto se reveste
Quando lhe falo da inconstância tua.*

*Quem me dera uma espôsa como Alceste,
— Um ser em que minha alma se dilua,
Num conúbio tão íntimo e celeste,
Que eu não a saiba distinguir da sua!*

*As mulheres que amei foram-se tôdas
Para os festins idílicos das bodas:
Que mais me resta sôbre a terra nua?*

*— Restas-me tu, que és a Saudade e o Olvido,
Musa das ruínas, solitária Dido,
Minha linda mulher, divina Lua!*

Explorou Cruz Filho quase todos os gêneros e quase todos os metros, indo da redondilha maior ao alexandrino com cesura, ao verso bárbaro e mesmo aos poemas polirrítmicos, de onde poderíamos retirar alguns dos mais perfeitos e representativos documentos do valor e da riqueza da poética cearense. "Aldeia Natal", por exemplo, em que retratou o seu distante Canindé, doce terra de fé, poesia e lenda, contém trechos e versos dignos de figurar em qualquer antologia. Deliciemo-nos com um pequeno punhado de rimas e saudades dêsse vasto poema de amor filial:

Minha aldeia natal:

*Fragmentos de mim próprio em tudo aqui encontro!
Cada sítio recorda um furtivo episódio,
Uma alegria, uma tristeza, um madrigal,
— Um motivo de amor (nunca um motivo de ódio!)
Para quem te esqueceu, sem te esquecer,
No vórtice iracundo
Dêste terrível e áspero recontro
Do tempo que passou com o tempo a que vim ter.*

*Tudo o que é belo é efêmero no mundo,
— Seja da juventude a lírica doidice
Ou seja do Universo o divino esplendor:
Porque a beleza, como o disse Evêmero,
(Não sei se foi Evêmero que o disse)
Mora no amor efêmero
Do próprio observador.
— Mas, da saudade ao brisma refringente,
O passado é mais belo que o presente.*

* * *

*Vim, fugindo à cidade
Vertiginosa, lubrificada, febril,
Buscar aqui, na tua intimidade,
O coração intacto do Brasil!*

Muitos estudos de crítica literária, de estética ou estilo, de psicologia e talvez psicanálise está, por certo, a reclamar a obra poética de Cruz Filho, que inclui três livros bem distintos: *Poemas dos Belos Dias*, *Lira de Orfeu* e *Taça de Ambrosia*. Não caberia trabalho de tais proporções dentro de uma simples saudação ao poeta laureado, entre as luzes e galas desta noite magnífica em que os seus altos méritos se consagram. Em verdade, o artista de "O Gorilha" e do "Leque de Sândalo" merece os louros e as honras que hoje lhe tributam a Academia Cearense de Letras, os "Diários e Rádios Associados", promotores do concurso, e, em particular, esta invicta fortaleza do espírito, que é a Casa de Juvenal Galeno, em cujos torreões a bandeira da Poesia

flutua imácula, como aquela outra gloriosa bandeira de ouro e esmeralda, neste momento simbólico da nacionalidade, se ergue a tremular em todos os mastros e todos os corações brasileiros, na festa democrática da Pátria redimida e, afinal, reposta na direção histórica de si mesma e de seus grandes destinos imortais.

ORAÇÃO DO PRÍNCIPE . . .

Sou, posso dizer que por antigo hábito, devedor remisso ou insolvente da Casa de Juvenal Galeno. Não há ela poupado oportunidade, através de não sei quantos anos, de me conferir a honra de suas homenagens por motivos de caráter literário, sem ter em conta a pequenez intelectual do homenageado. Ontem — lembra-me comovidamente — fê-lo pela palavra ática de José Sombra, radiante espírito que tanto nobilitou a terra cearense, por ocasião do aparecimento do meu livrinho de estréia poética; fê-lo mais tarde, por motivo da publicação de uma antologia de poemas de minha lavra, tendo sido intérprete da saudação a palavra peregrina de João Otávio Lôbo, o nosso inolvidável prosador, cuja ausência agora, no recinto desta sala, se me afigura súbito eclipse no brilho da presente festa. Hoje, é por intermédio do opulento e rutilante verbo de Filgueiras Lima, nababesco semeador de constelações no firmamento de ñossas letras poéticas, que recebo nova homenagem, por me haver conferido, sem o recurso de justa abdicação, o honroso, mas inadequado título de sucessor do grande padre Antônio Tomás, no principado da Poesia Cearense, a extrema benevolência da maioria do eleitorado que figurou no concurso instituído pelos Diários, Rádios e Televisão Associados do Ceará, para apurar aquela poética soberania.

De fato e de direito caberia preferentemente êsse título a outro poeta de nossa terra, ao próprio Filgueiras Lima ou a algum daqueles que comigo conviveram ombro a ombro, no decurso do período dos nossos belos dias, todos poetas de altaneiro porte, ou ainda a algum dos que de perto nos seguiram, na geração que nos sucedeu, êsses também brilhantes arquitetos de belos poemas.

Sei muito bem que essas aliciantes homenagens são, em verdade, puras irradiações do nobre espírito da Dra. Henriqueta Galeno, cujo nome se vincula hoje, com o maior brilho, à história das nossas letras, por sua ativa e indefectível ação na tarefa de incentivar e propagar a cultura literária do Ceará. Fêz-se, assim, legítima benemérita da nossa literatura.

A essa generosa homenagem veio juntar-se, avultando-lhe e dourando o relêvo, outra, de idênticas proporções, partida das alcandoradas alturas dos Diários, Rádios e Televisão Associados do Ceará, ou seja, da aristocracia moral de seu grande timoneiro, o rebrilhante polígrafo Eduardo Campos, e do indefesso e mágico animador das nossas aludidas letras, jornalista Pantaleão Damasceno, consagração esta objetivada em artística medalha de ouro, que conservarei, na vida, como inapreciável e dignificante brasão.

Outra homenagem, igualmente generosa e nobilitante, é a que acaba de me prestar, cativando-me e confundindo-me com a distinção, a Academia Cearense de Letras, mediante a concessão do heráldico diploma de sucessor do insigne padre Antônio Tomás, no principado da Poesia Cearense, diploma que sobremodo me sensibiliza e per-hora, dado o alto plano de onde partiu, ao qual deu excepcional realce a indulgência do seu nobre Presidente Magnífico Reitor Antônio Martins Filho, portador da enaltecedora láurea.

Tenho firme convicção de que tão-somente de ricochête visaram à minha apagada individualidade mental estas fidalgas homenagens e saudações. Terão tido elas por alvo, em verdade, a própria Poesia, e não a minha humilde personalidade intelectual.

De feito, que é a Poesia em si?

Coloco-me, com esta interrogação, diante de carrancuda esfinge, tão carrancuda talvez quanto aquela do mito tebano. Terá compreendido isso o próprio e incomparável Shakespeare, ao dizer-nos, em cintilante metáfora: "A poesia é a música que cada homem conduz dentro de si." Sugestivo pensamento poético êste do genial poeta inglês, porque será a Poesia, de fato, essa música secreta do coração e da inteligência, mas nada nos esclarece êle relativamente à essência íntima da mesma Poesia.

Como o Belo, como o Ser, no seu sentido abstrato, a Poesia

não se define por meio de palavras, ainda as mais percucientes e precisas, porque — é isso conceito filosófico assente — não são definíveis, por sua própria natureza, as noções fundamentais. Percebemo-las, sentimo-las, aprendemo-las mais ou menos, às vêzes a nosso modo, mas não as definimos verbalmente. Tão-só mediante metáforas ou alegorias poderemos adquirir a intuição do que elas sejam na realidade.

Apesar dessa obscuridade, que não podemos considerar apenas aparente, não há faltado, ontem e hoje, quem lhe tenha ousado propor definições, poetizando-as, as mais das vêzes, com refulgentes ornatos retóricos.

Diz-ros, por exemplo, o nosso notabilíssimo Farias Brito, aliás sem dispêndio daqueles ornatos: "É a poesia uma espécie de aspiração para o melhoramento, um esforço do espírito para elevar-se do círculo estreito e prosaico da realidade à concepção de um mundo melhor e mais perfeito; é, numa palavra, o princípio mesmo criador do ideal."

Até notável cientista, o psiquiatra Enrico Ferri, deu à enigmática Poesia uma definição algo romântica: chamou-lhe "reflexo irisado da vida".

E o mais faustoso biógrafo de Jesus, Ernesto Renan, houve por bem formular sobre ela o seguinte juízo: "Se se entende por poesia a faculdade que tem a alma de se sentir, de algum modo, comovida e vibrar, de maneira especial e indefinível, perante a beleza das coisas, quem não é poeta não é homem, e renunciar a êsse título equivale a abdicar voluntariamente da dignidade da própria natureza."

Pôsto que bastante simples e singela no seu conceito e despidida de qualquer ouriço retórico na sua expressão, estou que levará vantagem, uma vez aplicada à Poesia, a quaisquer tentativas de definição desta, a imagem que se encontra em certo poemeto de Raquel de Queirós, intitulado "Telha de Vidro". É bem conhecida entre nós essa eloqüente alegoria.

Conta-nos a autora, no seu poemeto, que certa môça da cidade teria ido residir no sertão, precisamente na velha casa da fazenda que pertencera a seus avós. Deram-lhe lá, para dormir, modesta alcova *mergulhada na tristeza da sua treva e da sua única portinha*. A môça teria silenciado sobre o caso, mas logo mandou vir da cidade uma telha de vidro — luxo bastante

descor.hecido nas habitações sertanejas. *Queria* — diz a poetisa — *que ficasse iluminada a sua camarinha sem claridade*. Então, uma vez colocada a telha, o quarto se torna o mais alegre da casa da fazenda. *Tão claro* — esclarece — *que, ao meio-dia, aparece uma renda de arabescos de sol nos ladrilhos vermelhos, alguma réstia de luar também se mete às vêzes pelo claro da telha milagrosa e até alguma entrelinha mais audaz careteia no espelho em que a môça se penteava*. — *Que linda a camarinha! E era tão feia!*

Termina a bela alegoria com êste conselho fraternal:

*Você me disse um dia
que a sua vida era tôda escuridão,
cinzenta
fria,
sem um luar, sem um clarão...
Por que você não experimenta?
A môça não foi tão bem sucedida?
Ponha uma telha de vidro em sua vida!*

A Poesia — releve-se-me o prosaísmo da comparação, se êste realmente existe — é a imagem autêntica daquela telha de vidro que iluminou a melancólica alcova da môça da cidade, trazendo-lhe a luz solar, a carícia poética da lua, a alegria e o contentamento. À penumbra, no poemeto, logo sucedeu a claridade, a nítida visão das coisas circunstantes, o prazer e a felicidade que nos proporciona a luz — fonte da vida e da evidência. Diz-nos o citado Farias Brito ser a luz a presença sensível de Deus no mundo, ao passo que a escuridão é a sua ausência. Assim é a Poesia. Sem ela, sem êsse inefável luar espiritual, degradar-se-ia o homem à condição dos seres irracionais ou do seu antepassado das cavernas.

Sabemos todos, de ciência própria, que a Poesia não se encontra sòmente nos grandes poemas; reside ela, ao contrário, em cada um de nós, em nosso coração e em nosso espírito, como a própria consciência, o amor, o altruísmo. Não é uma entidade tangível, mas a mais sedutora abstração do homem culto. O verso, a frase metrificada, é exclusivamente a roupagem com que ela costuma aparecer-nos, mas não é, de maneira alguma, a Poe-

sia em si, a qual vive no íntimo do nosso ser, no claro jardim de nossa mocidade, dentro do âmbito de nossa vida, no encanto do nosso lar, no amor do nosso cônjuge, no sorriso de nosso filho, nos cabelos nevados de nossa mãe, ou em sua saudade, se ela nos morreu, na arquitetura e disposição da casa que construímos, no afeto à roseira que plantamos em nosso jardim, na recordação de algum amor que tivemos, no recitativo do templo em que balbuciamos as primeiras orações. . .

É daí, das fontes recônditas do espírito e do coração, que jorra a poesia que impregna do seu sutil perfume as estrofes dos poetas, isto é, dos poetas autênticos, daqueles que souberam ou sabem irisar a monótona realidade do mundo e da vida, convidando-nos a aprazíveis vôos, através do infinito e do sonho, sobre o dorso do cavalo de Perseu — inefáveis ascensões essas, que nos furtam às contradições e vicissitudes humanas.

Volvendo agora das altas regiões da Poesia, cumpre-me elucidar que o sortilégio da palavra de Filgueiras Lima atribuiu excessivos coloridos às rústicas chicanas do meu canteiro poético. Tais matizes não os têm — sei-o eu muito bem — aquelas humildes flôres campestres. Contingências realmente difíceis são essas dos oradores oficiais de homenagens! Aquêles matizes não pertencem aos meus rudes poemas, mas, — está demasiado patente — à magia da palavra do orador, que costuma transmutar em pepitas de ouro os próprios seixos dos caminhos. Eu — posso dizê-lo, com absoluta sinceridade, contrafazendo certo conceito do nosso Eça — não passo, nunca passei de um pobre homem do vilarejo de Canindé — safara região tão pouco afeiçoada às Musas, quanto pródiga em graças concedidas por S. Francisco.

Isto, no entanto, não me impede de beijar, com todo o carinho do meu reconhecimento, as mãos dadivosas dos promotores desta desvanecedora homenagem, bem assim as de todos os que deram fulgor a esta festa com a sua honrosa presença e o encanto de sua fina arte musical.

A todos a hipoteca da minha gratidão, inclusive a sempre aclamada poetisa Araci Martins que poeticamente me honrou, como representante da fulgurante Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno.

A todos muito obrigado!